

FUNES, EL MEMORIOSO: UM CONTRAPONTO COM O SUJEITO DO INCONSCIENTE E DA MEMÓRIA DISCURSIVA

Maicon Gularte Moreira¹
Charlene Brum Del Puerto²

Este trabalho parte de um desafio realizado durante uma disciplina introdutória à Análise do Discurso, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS. Pretendemos, portanto, refletir sobre os conceitos de memória discursiva e de sujeito, sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa (AD). Para isso, tomamos como materialidade o conto “*Funes, el memorioso*”, escrito por Jorge Luis Borges e publicado no ano de 1944, em seu livro *Ficciones*, em que a memória e singularidade de sua personagem, Ireneo Funes, são os elementos centrais da narrativa. Após acordar de um trauma sofrido em um acidente, a personagem Funes constata que sua percepção e memória haviam se tornado infalíveis, podendo lembrar de tudo com uma precisão de detalhes que nenhum outro homem jamais conseguiria alcançar. Que sujeito é esse incapaz de esquecer e dono de uma memória sem falhas? Nessa direção, arriscaremos um contraponto entre o sujeito memorioso de Borges e o sujeito do inconsciente e da memória discursiva.

Funes era um sujeito bastante peculiar. Morava na localidade de Fray Bentos, no Uruguai, nascido no ano de 1868, filho de mãe passadeira e de pai incerto. Funes sempre sabia as horas com exatidão, como se fosse um relógio, e também o nome completo das pessoas. O narrador havia encontrado Ireneo Funes pela primeira vez no ano de 1884, quando seu pai o levava para veranear na cidade natal da

¹ Bacharel em Turismo (UFPel). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: maicongmoreira@gmail.com.

² Bacharela em Turismo (UFPel). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Integrante do AMORCOMTUR! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). E-mail: charlenedelpuerto@bol.com.br.

personagem. Já em 1887, ao reencontrar Funes, narra que durante sua conversa, o próprio Funes, antes da tarde chuvosa em que sofreu o acidente, sentia que “*él había sido lo que son todos los cristianos: un ciego, un sordo, um abombado, un desmemoriado.*” (BORGES, 2001, p. 53). Durante dezenove anos, Funes conviveu com o esquecimento, olhava sem ver, ouvia sem ouvir e esquecia-se de quase tudo, no entanto:

Al caer, perdió el conocimiento; cuando lo recobró, el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales. [...] Ahora su percepción y su memoria eran infalibles. (BORGES, 2001, p. 53)

Que sujeito é este dono de uma memória infalível? Na intenção de nos aproximarmos de uma possível resposta para esta pergunta, nos filiaremos à vertente francesa da Análise de Discurso (AD), que nos fornece tanto subsídios teóricos a partir da articulação da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, quanto metodológicos através dos conceitos que vem sendo desenvolvidos desde a sua fundação por Michel Pêcheux, na constituição de um objeto de análise: o discurso.

Para a AD “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2009, p. 17). Para retomar a pergunta realizada e pensar o sujeito da memória infalível do conto de Borges, iremos buscar, pois, nos conceitos de sujeito do inconsciente e memória discursiva, um contraponto possível com essa proposta teórico-analítico-metodológica. Nossa análise se baseia na aceitação de que os significantes do texto são produzidos no ato de leitura e, por este motivo, não nos interessa o significado pensado pelo autor no momento da escrita, mas sim as múltiplas possibilidades de sentidos produzidos em nós pelo texto, conforme orienta Bartucci (1996).

Ser sujeito comporta uma diversidade de interpretações, sendo assim, não é possível estabelecer apenas um sujeito, dar-lhe uma única forma. Ireneo Funes, dono da memória infalível, relata ao narrador que “[...] *él había sido lo que son todos los cristianos: un ciego, un sordo, um abombado, un desmemoriado. [...] había vivido*

como quien sueña: miraba sin ver, oía sin oír, se olvidaba de todo, de casi todo” (BORGES, 2001, p. 53). Ou seja, o sujeito determinado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, indiferente a tudo que o cercava e a si próprio, uma casa alugada, sustentada e organizada por uma formação ideológica, incapaz de pensar e falar por si mesmo.

Após o acidente, Funes parece adquirir controle sobre o seu Eu, torna-se sujeito de si, consciente, racional, possuidor de seu corpo e de sua mente, percebendo o presente e o passado de forma tão nítida que seria impossível que alguma força pudesse agir sobre ele, se não o próprio Ireneo. Isso se evidencia quando relata que *“el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales”* (BORGES, 2001, p. 53). Teria, depois do acidente, emergido em um estado de consciência plena? Nesse contexto, chamaremos Funes de sujeito da razão.

Pensando nesse sujeito, após o acidente, Funes estaria sempre na origem do seu dizer por que era incapaz do esquecimento, ao contrário do que Pêcheux (1995) coloca sobre o sujeito da AD que não estaria na origem do seu dizer, estabelecendo-se pelo esquecimento daquilo que o constitui. Esse esquecimento se dá de forma inconsciente e/ou ideológica, em que o sujeito extingue de forma inconsciente o que não pode ser dito a partir de uma posição-sujeito numa formação discursiva, passando a acreditar que ele é o formador do dizer que enuncia. Esse dizer que não se origina no sujeito, se refere às “práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos”, ou seja, “aos enunciados que se inscrevem nas formações discursivas, no interior das quais ele recebe seu sentido” (INDURSKY, 2011, p. 86). O esquecimento se dá “pois nem todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar em uma formação discursiva” (INDURSKY, 2011, p. 87). Funes não esquecia, era ele quem disponibilizava todos os dizeres, visto que sua memória não fracassava. Essa memória que não falha é evidenciada pelo próprio Ireneo Funes em diversos momentos da narrativa, como em: *“Más recuerdos tengo yo solo que los que habrán tenido todos los hombres desde que el mundo es mundo”* (BORGES, 2001, p. 53); e também pelo narrador em: *“[...] Ahora su percepción y su memoria eran infalibles”* (BORGES, 2001, p. 53).

A possibilidade de dizer para Funes era a sua infalível memória fotográfica, cheia, completa e total, não sendo possível, para ele, outros dizeres e deslizamentos de sentido.

Éste, no lo olvidemos, era casi incapaz de ideas generales, platónicas. No sólo le costaba comprender que el símbolo genérico perro abarcara tantos individuos dispares de diversos tamaños y diversa forma; le molestaba que el perro de las tres y catorce (visto de perfil) tuviera el mismo nombre que el perro de las tres y cuarto (visto de frente). Su propia cara em el espejo, sus propias manos, lo sorprendían cada vez. (BORGES, 2001, p. 54)

Ao contrário da memória de Funes, a memória discursiva é afetada pela história e pela ideologia, instala-se num jogo de forças entre o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido no interior de uma formação discursiva. Sendo assim, não admitiria um sentido literal para aquilo que é lembrado, pois a produção de sentidos depende das condições de produção que, por sua vez, são “responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária” (FERREIRA, 2001, p. 11). Não estando sujeito a estas influências, Funes era incapaz do pensamento reflexivo e, portanto, sua memória apenas registraria tudo sem qualquer tipo de filtros. Dessa maneira, a memória de Funes passa a ser imediata, detalhada, individual, linear e saturada, diferentemente da memória discursiva conceituada por Orlandi (2009) e Indursky (2011) que é não-toda, lacunar, esburacada, social e transversa.

Funes, por ter essa memória sem falhas, apresenta-se constituído por tudo aquilo que já foi dito e não apenas pelos sentidos autorizados, ideia corroborada por Orlandi (2009) a respeito do interdiscurso. Funes não só se lembrava de tudo, como também se lembrava de cada uma de suas lembranças:

[...] recordaba cada hoja de cada árbol de cada monte, sino cada una de las veces que la había percibido o imaginado. Resolvió reducir cada una de sus jornadas pretéritas a unos setenta mil recuerdos, que definiría luego por cifras. Lo disuadieron dos consideraciones: la conciencia de que la tarea era interminable, la conciencia de que era inútil. Pensó que em la hora de la muerte no habría acabado aún de clasificar todos los recuerdos de la niñez. (BORGES, 2001, p. 54)

Pensando nisso, ao contrário da memória discursiva discutida anteriormente, o interdiscurso constitui-se não apenas pelos sentidos autorizados e, assim sendo,

“nada do que já foi dito pode dele estar ausente. O interdiscurso não é dotado de lacunas. Ao contrário. Ele se apresenta totalmente saturado” (INDURSKY, 2011, p. 86). Nessa direção, arriscaremos pensar a personagem Ireneo Funes, o sujeito da consciência e do conhecimento, como sendo, na verdade, o interdiscurso, já que sua memória não permite lacunas, é totalmente saturada e sem deslizamentos de sentido.

Contudo, o narrador e a personagem, em diversas passagens do texto, parecem hesitar diante de sua capacidade infalível de lembrar, quando um fala que “*el presente era casi **intolerable** de tan rico y tan nítido*” (BORGES, 2001, p. 53, destaque nosso) ou quando o outro o expõe como “*el **solitario** y lúcido espectador de un mundo multiforme, instantáneo y casi **intolerablemente** preciso*” (BORGES, 2001, p. 54, destaque nosso). Ambos expõem a fragilidade do sujeito do consciente, abrindo lacunas passíveis de outras interpretações de sentido.

O que temia Funes? Por que Funes sofre ao enxergar o mundo de forma tão nítida que o faz desejar permanecer no escuro para não ver? Por que o narrador questiona a capacidade reflexiva da personagem e esta “sente” que “*la inmovilidad era un precio mínimo*” (BORGES, 2001, p. 53) frente a capacidade de sua memória e percepção? Funes não seria o sujeito da consciência e da razão? Aquele para quem nada está invisível, mas tudo disponível, aparente, acessível? A princípio, o sujeito da consciência e da razão não teria nenhum desencontro com sua memória infalível. Poderia ser um recalque às avessas do inconsciente? Ou ainda, Funes dramatizaria – em sua complexa apresentação poética – o fracasso do sujeito da consciência?

O trabalho aqui apresentado não dá conta de tais perguntas, mas as faz, mesmo que deixando-as em aberto. Nossa contribuição está, justamente, nas múltiplas possibilidades de pensar o sujeito da Análise do Discurso a partir de Funes. Como nos diz Lacan (1998), o [Eu] como significante no sujeito do enunciado, designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento, ou seja, designa o sujeito da enunciação, mas não o significa.

a Fala só começa com a passagem do fingimento à ordem do significante, e que o significante exige um outro lugar – o lugar do Outro, o Outro-testemunha, o testemunho Outro que não qualquer de seus parceiros – para

que a Fala que ele sustenta possa mentir, isto é, colocar-se como Verdade. Assim, é de outro lugar que não o da Realidade concernida pela Verdade que esta extrai sua garantia: é da Fala. Como também desta que ela recebe a marca que a institui numa estrutura de ficção. O dito primeiro decreta, legifera, sentencia, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade. (LACAN, 1998, p. 822)

Conforme expressa Lacan (1998, p. 822), quando tomamos apenas um significante como símbolo desse poder potente, conseguimos ter “a marca invisível que o sujeito recebe do significante”, sendo esta a responsável pela alienação desse sujeito “na identificação primeira que forma o ideal do eu”. E, se Lacan (1998) também nos fala que é no tropeço do discurso entre o significante e o significado que podemos surpreender o sujeito que nos interessa, “Esse corte na cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real” (LACAN, 1998, p. 815).

O narrador nos transmite a ideia de que Funes tornou-se uma pessoa que tudo sabe, no entanto o próprio Funes narrado pelo autor demonstra estar paralisado diante das descobertas que o envolvem e é neste limiar que pode estar a apreensão e a significação que vai formar a borda do sujeito Funes como não mais sujeito do consciente, mas sim inconsciente, pois o “inconsciente é discurso do Outro” (LACAN, 1998, p. 829), ou seja, é do Outro que eu recebo o enunciado emitido. Sendo assim, por fim, levando todo o dito em consideração, nos ocorre outro questionamento, dos tantos em aberto, do qual não podemos nos furtar: a consciência plena de Funes poderia ser entendida como a projeção do inconsciente do narrador?

REFERÊNCIAS

- BARTUCCI, Giovanna. *Borges - a realidade da construção: literatura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- BORGES, Jorge Luis. Funes, el memorioso. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. 9. ed. Madrid: El Mundo, 2001. p. 51-55.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: Ufrgs, 2001. (Instituto de Letras)

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

ORLANDI, Eni Puccineli. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.